

## DUAS NOVAS ESPÉCIES DE *Syagrus* Mart. (ARECACEAE) PARA O BRASIL

### TWO NEW SPECIES OF *Syagrus* Mart. (ARECACEAE) FROM BRAZIL

Kelen Pureza Soares<sup>1</sup> Ricardo Soares Pimenta<sup>2</sup> Carlos Alex Guimarães<sup>3</sup>

#### RESUMO

Duas novas espécies de *Syagrus* Mart. (Arecaceae) do Brasil são descritas e ilustradas neste artigo: a primeira, *Syagrus pompeoi* K. Soares & R. Pimenta, espécie próxima de *Syagrus procumbens* Noblick & Lorenzi, da qual difere pela capacidade de perfilhar, pelo maior comprimento da raque das folhas (33-50 cm), contendo maior número de pinas de cada lado (8-15), pinas de consistência quase membranosa, com muitas nervuras transversais visíveis e pelo maior comprimento do pedúnculo da inflorescência (10-18 cm). A segunda, *Syagrus santosii* K. Soares & C. A. Guim., espécie próxima de *Syagrus schyzophylla* (Mart.) Becc., da qual difere por possuir frutos maiores (2,9-4,6 x 2,6-3,8 cm), com o epicarpo e o mesocarpo geralmente fendidos no ápice quando maduros, pelo maior endocarpo (2,7-4,2 x 2,4-3 cm), com endosperma homogêneo, pela maior quantidade de pinas de cada lado da folha e por possuir maiores flores pistiladas.

**Palavras-chave:** palmeiras; taxonomia; espécie nova; Palmae.

#### ABSTRACT

Two new species of *Syagrus* Mart. (Arecaceae) from Brazil are described and illustrated in this article: first, *Syagrus pompeoi* K. Soares & R. Pimenta, a species related to *Syagrus procumbens* Noblick & Lorenzi, from which it differs by having a caespitose habit, by the greater length of the rachis of leaves (33-50 cm), more pinnae on each side (8-15), leaflet almost membranaceous with many transverse ribs visible, as well as longer inflorescence peduncle (10 to 18 cm). The second one, *Syagrus santosii* K. Soares & C. A. Guim., related to *Syagrus schyzophylla* (Mart.) Becc., from which it differs by having larger fruit (2.9 to 4.6 x 2.6 to 3.8 cm), with epicarp and mesocarp usually split at the apex when ripe, bigger endocarp (2.7 to 4.2 x 2.4 to 3 cm) with homogeneous endosperm, greater amount of pinnae on each side of the leaf and larger pistillate flowers.

**Keywords:** palm trees; taxonomy; new species; Palmae.

#### INTRODUÇÃO

O gênero *Syagrus* foi originalmente descrito por Martius (1824), mas nenhuma espécie foi listada no seu trabalho. A primeira espécie descrita para o gênero, *Syagrus cocoides* Mart., foi estabelecida em 1826 e em anos subsequentes, outras foram sendo descritas ou transferidas para este pelo próprio autor (MARTIUS, 1838; 1844), por Wendland (1854), Karsten (1856), Barbosa Rodrigues (1875; 1879; 1888), Beccari (1916), Burret (1932; 1933; 1937; 1940), Bondar (1942), Hawkes (1952), Glassman (1963; 1967; 1968; 1970; 1978), Wessels

Boer (1965), Moraes (1996), Noblick (2004; 2004b; 2009) e por Noblick e Lorenzi (2010).

Ao longo dos anos, *Syagrus* foi segregado em gêneros menores, incorporou os gêneros *Butia* Becc. e *Lytocaryum* Toledo e também foi incorporado pelo gênero *Cocos* L., na medida em que novas espécies foram descritas e novas revisões foram realizadas. Provavelmente, as quatro espécies presentes no gênero *Lytocaryum* serão transferidas para *Syagrus* em futuras revisões, uma vez que a recém-descoberta *Lytocaryum itapebiensis* Noblick e Lorenzi não apresenta os caracteres morfológicos anteriormente válidos para delimitar o gênero.

1 Engenheiro Florestal, Mestrando do Programa de Pós-graduação em Engenharia Florestal, Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria, Av. Roraima, 1000, CEP 97105-900, Santa Maria (RS). kpssoares@gmail.com

2 Biólogo, Dr., Tropical Plantas e Paisagismo, Av. Major José Levy Sobrinho, 1355, Bairro Jardim Nereide, CEP 13486-190, Limeira (SP). pimenta@fcav.unesp.br

3 Engenheiro Agrônomo, Rua Carneiro da Rocha, 272, CEP 45653-560, Ilhéus (BA). piassava@uol.com.br  
Recebido para publicação em 20/05/2012 e aceito em 1/4/2013

*Syagrus* é um gênero muito variável morfológicamente, quase exclusivo da América do Sul (exceto por *Syagrus amara* (Jacq.) Mart., que ocorre no Caribe), representado até o momento por 53 espécies, das quais 47 ocorrem no Brasil (NOBLICK, 2010). É composto por palmeiras monoicas, polícarpas, de pequeno ou grande porte, solitárias ou entouceiradas, com estipe subterrâneo ou elevado, raramente estolonífero (*Syagrus campylospatha* Barb. Rodr.), liso ou coberto pelos remanescentes das bainhas das folhas já caídas (DRANSFIELD et al., 2008; NOBLICK, 2010). A maioria das espécies acaulescentes e de pequeno porte está confinada às áreas semiáridas ou de cerrado, enquanto um menor número de espécies de porte arbóreo é comumente encontrado nas áreas tropicais ou subtropicais úmidas, sendo componentes bastante conspicuos em várias formações vegetacionais do Brasil (BARBOSA RODRIGUES, 1903; BONDAR, 1964; DRANSFIELD et al., 2008).

Algumas espécies do gênero são muito valorizadas localmente pelos produtos que delas são retirados, como palmito, amêndoas, polpa dos frutos e folhas para o artesanato; é o caso da guariroba (*Syagrus oleracea* (Mart.) Becc.), do licuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.) e do gerivá (*Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman) (BONDAR, 1964; NOBLICK, 2010); outras, recentemente, vêm sendo introduzidas com sucesso no paisagismo (NOBLICK, 2010). No entanto, a maioria das espécies encontra-se bastante ameaçada pela expansão da agricultura, especialmente as de pequeno porte, comuns nos cerrados.

## MATERIAL E MÉTODO

A terminologia utilizada para descrever as estruturas vegetativas das espécies seguiu Tomlinson (1990) e Noblick e Lorenzi (2010), que consideram o verdadeiro pecíolo das palmeiras com as margens lisas, nunca cobertas por fibras, sendo que a parte das folhas com margens fibrosas é considerada a bainha. O pseudopecíolo, frequentemente chamado de pecíolo em muitas descrições de palmeiras, inclui a porção arqueada da bainha que se projeta do estipe e possui margens fibrosas ou denteadas e deve ser medido apenas nas folhas mais velhas. Considerou-se neste trabalho como “base da bainha” a porção da bainha que se prende ao estipe e que não possui margem denteada na espécie com esta característica. A raque da inflorescência é a medida compreendida entre a inserção da ramificação (ráquila) mais basal

até a base da ráquila apical. Uma inflorescência espiciforme é definida como uma ráquila terminal, ou seja, uma inflorescência desprovida de ramificações (TOMLINSON, 1990). A parte onde se inserem as flores de uma inflorescência espiciforme é chamada aqui de parte espigada da inflorescência.

Os dados morfo-biométricos, quantitativos e qualitativos, foram tomados *in situ* de pelo menos 15 palmeiras adultas de cada espécie, incluindo as espécies relacionadas. Apenas os dados referentes ao tamanho do perfil foram baseados em menor número de indivíduos, devido à dificuldade de retirá-lo da planta. Materiais botânicos de todas as espécies foram depositados no Herbário do Departamento de Ciências Florestais da Universidade Federal de Santa Maria (HDCF). Além disso, foram realizadas consultas a materiais bibliográficos, protólogos e ao Herbário Plantarum (HPL).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

*Syagrus pompeoi* K. Soares & R. Pimenta, sp. nov. (Figura 1).

*Palma acaulescens ad 60 cm alta, solitaria vel caespitosa, cum 1 ad 8 stipibus subterraneis. Folia contemporanea, 3-6 quaeque stipem; rachis longa 33-50, quaeque latus continendo 8-15 pinnas, cum distributione fere regularis longe rachidis et in uno plano insertas; pinnae cum 19-50 x 0,3-1,1 cm, consistentiae coriaceae, fere membranosae, cum transverse nervura sicut striis irregulariter dispositis limbo. Inflorescentia interfoliaris, erecta, spiciformis vel raro ramificata, pars inflorescentiae spicata et longa 4,5-7 cm; cum ramificata, ostendit rachillas longas 3-4 cm. Flores staminati cum 9-14 x 4-6 mm, flores pistilati cum 12-19 x 5-7 mm. Fructus 1,8-2,7 x 1,4-2,0 cm; endocarpium 1,4-2,5 x 0,9-1,4 cm, cavitate interna homogenea, unum semen continens.*

Palmeira com até 60 cm de altura, solitária ou cespitosa, com 1 até 8 estipes subterrâneos de até 4 cm de diâmetro na base. Folhas contemporâneas, 3 a 6 por estipe, as folhas mais velhas dispostas paralelamente sobre o solo; bainha com 10-18 x 2,6-3,5 cm; pseudopecíolo com margem fibrosa, com 3-6,5 cm de comprimento; pecíolo de margem lisa, com 1,5-7 x 0,3-0,6 cm; raque com 33-50 cm de comprimento contendo (8)-11-15 pinas (folíolos) de cada lado, com distribuição mais ou menos regular ao longo da raque e inseridas em um único plano; pinas de consistência coriácea, quase membranosas, verde-escuras, lineares, com ápice assimétrico, as

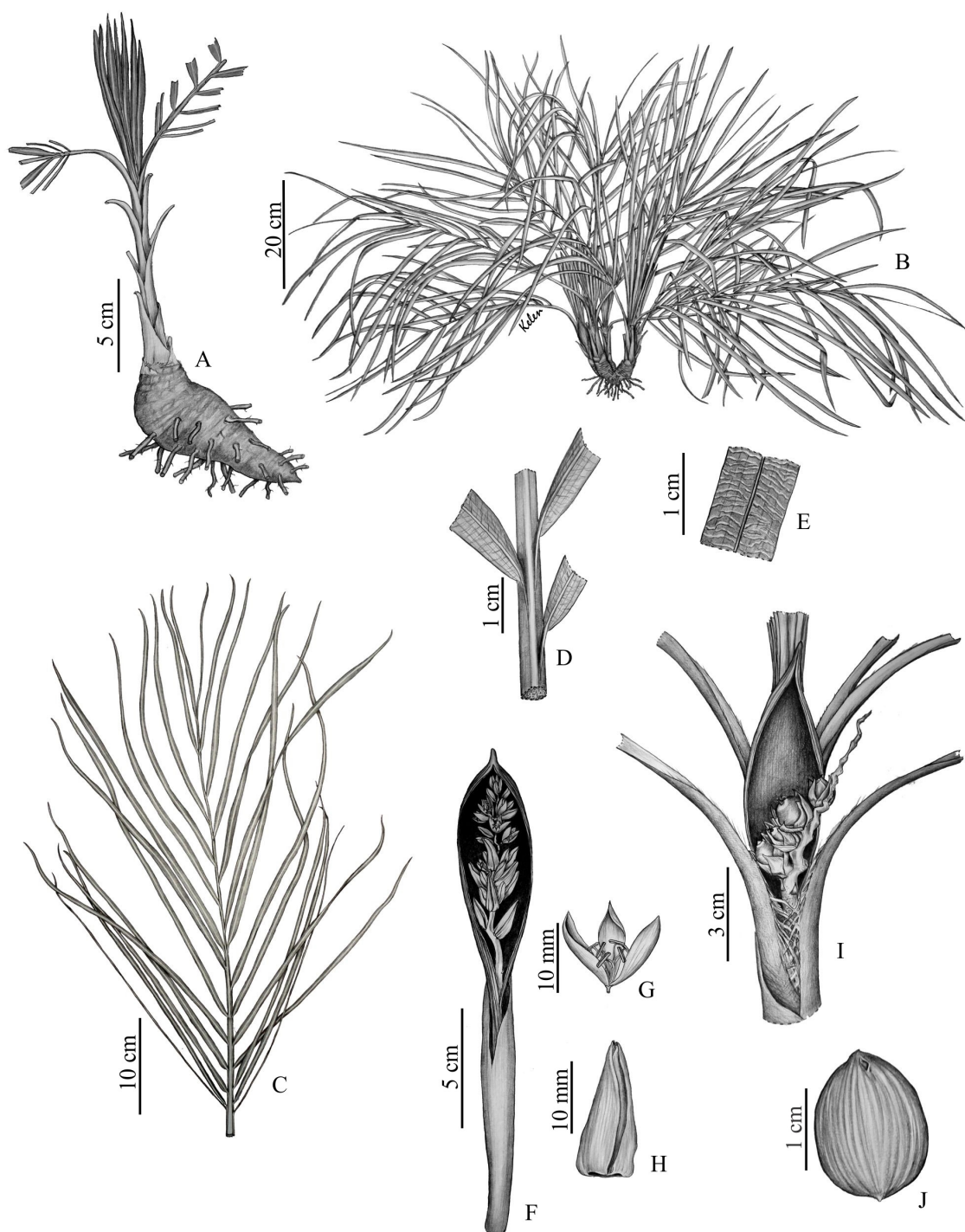


FIGURA 1: *Syagrus pompeoi* K. Soares & R. Pimenta. A: hábito mostrando o estipe subterrâneo. B: hábito caespitoso. C: folha. D: detalhe da inserção das pinas na raque. E: detalhe da pina estriada (nervuras transversais) desidratada. F: inflorescência. G: flor estaminada. H: flor pistilada. I: infrutescência. J: endocarpo. (de K. Soares & R. Pimenta, 14, exceto I: fotografia de R. S. Pimenta. Ilustrado por Kelen P. Soares).

FIGURE 1: *Syagrus pompeoi* K. Soares & R. Pimenta. A: Habit showing the subterranean stem. B: caespitose habit. C: leaf. D: detail of the leaflets insertion on the rachis. E: detail of dried striated (transverse ribs) leaflets. F: inflorescence. G: staminate flower. H: pistillate flower. I: infructescence. J: endocarp. (from K. Soares & R. Pimenta, 14, except I: photography by R. Pimenta. Drawn by Kelen P. Soares).



da parte basal da raque com 19-43 x 0,4-0,7 cm, as da parte mediana da raque com 27-50 x 0,5-1,1 cm, as da extremidade com 19-35 x 0,3-0,6 cm, moderadamente recobertas por uma camada de cera em ambas as faces, mais abundante na face abaxial, que também apresenta mechas de ramento esbranquiçado, estreito e alongado ao longo da nervura principal, bem como, nervuras transversais visíveis dispostas irregularmente no limbo. Inflorescência interfoliar, ereta, espiciforme ou mais raramente ramificada; perfil com 10-13 x 1,5 cm, lanceolado; pedúnculo com 10-18 x 0,3-0,4 cm; bráctea peduncular sulcada longitudinalmente e levemente coberta por tomento castanho esparso, com 15-23 cm de comprimento total, parte expandida com 7-10 x 4,5-6 cm, incluindo o bico de 0,5-0,8 cm de comprimento; parte espigada da inflorescência com 4,5-9 cm de comprimento; quando ramificada, apresenta ráquias com 3-4 cm de comprimento, a porção com flores pistiladas com 2,5-3,5 cm de comprimento, contendo cerca de 7 flores pistiladas; porção das flores estaminadas com 2-6 cm de comprimento. Flores estaminadas com 9-14 x 4-6 mm; 3 sépalas com 1-1,5 x 1-1,6 mm, conadas na base; 3 pétalas, com 9-13 x 3,3-5 mm, com pontas agudas e nervuras indistintas; 6 estames com 3,5-5 mm de comprimento, anteras com 3-4 mm. Flores pistiladas piramidais, alongadas, glabras, com 12-19 x 5-7 mm; 3 sépalas imbricadas, com 12-18 x 5-10 mm, desiguais, com nervuras levemente aparente; 3 pétalas nervadas, com 10-13 x 4-6 mm, lanceoladas, imbricadas na base e valvadas nas extremidades, gineceu com 4-5 x 2-2,5 mm. Frutos elipsoides, amarelos quando maduros, cobertos por uma fina camada tomentosa ferrugínea, com 1,8-2,7 x 1,4-2,0 cm, mesocarpo amarelo, fibroso; endocarpo com 1,4-2,5 x 0,9-1,4 cm, com a cavidade interna homogênea, contendo uma única semente. Eófilo das plântulas simples.

**Tipo: Brasil. Mato Grosso do Sul:** Bela Vista, BR 060, 10 Km da cidade de Bela Vista, 07/VI/2012, fl. fr., K. Soares, R. Pimenta 14 (HDCF 6238).

**Distribuição geográfica:** espécie conhecida apenas da localidade tipo em Bela Vista, no Mato Grosso do Sul, onde cresce em solo arenoso e rochoso. Trata-se de uma espécie bastante rara, ameaçada pela presença do gado, bem como pela ocupação da área pela agricultura.

Floresce no final do inverno e na primavera e frutifica no verão.

O epíteto específico é uma homenagem à fa-

mília Pompeo, de Limeira-SP, em particular a José Pompeo Junior, produtor e colecionador de palmeiras, que há anos vem fomentando as pesquisas de identificação e conservação de palmeiras nativas.

**Comentário:** *Syagrus pompei* apresenta relação com *Syagrus procumbens* Noblick & Lorenzi devido ao estipe subterrâneo, anatomia e disposição das folhas, inflorescência geralmente espigada e pelo tamanho de suas flores; no entanto, pode ser diferenciada desta por apresentar também hábito cespitoso (em *Syagrus procumbens* somente hábito simples) (Figura 2A e 2B), raque das folhas com 33-50 cm (em *Syagrus procumbens* com 2,5-20-(30)), contendo (8)-11-15 pinas de cada lado ((3)-5-8-(11) em *Syagrus procumbens*), bem como pelas pinas de consistência quase membranosas e com muitas nervuras transversais visíveis (Figura 2C), nas folhas verdes estas nervuras apresentam-se na forma de linhas de cor mais clara, quando a folha é desidratada, elas causam modificações na superfície do limbo apresentando um aspecto estriado, especialmente na parte adaxial (em *Syagrus procumbens* as pinas são coriáceas e sem nervuras transversais visíveis, mesmo quando desidratadas) (Figura 2D); também apresenta diferenças no comprimento do pedúnculo da inflorescência, que mede 10-18 cm (7-9,5 em *Syagrus procumbens*) e na bráctea peduncular que é apenas levemente recoberta por um esparso indumento quando jovem (em *Syagrus procumbens* ela é densamente recoberta por tomento).

***Syagrus santosii* K. Soares & C. A. Guim. sp. nov.** (Figura 3).

*Palma parva vel media, 1,6-4,4 m alta, stipe solitario, generaliter inclinato. Folia, 12-20 cm, contemporanea; pseudo petiolo longo 64-75 cm, cum spinis curvis in tota margine; spinae lignosae, longae ad 2 cm; rachis 160-194 longa, pauca curvata, utraque latus continens 71-90 pinas; pinnae rigidae, uniforme distribuitae longe rachidis et in uno plano dispositae. Inflorescentia interfoliaris; bractea peduncularis sulcata longitudinaliter; rachis inflorescentiae longa 38-48, 43-62 raquias continendo. Flores masculi 7-10 mm; flores pistilati 7-10 x 6-7 mm. Fructus cum 2,9-4,6 x 2,6-3,8 cm; epicarpium copertum ab tomento ferruginoso in apice fendente, expondo mesocarpium et endocarpium cum maturo est; endocarpium 2,7-3,6 x 2,4-3,0 cm cum uno semine, endosperma homogoneo.*

Palmeira de porte pequeno ou moderado, com 1,6-4,4 m de altura, de estipe solitário, geralmente inclinado, com 0,6-3,5 m de comprimento e

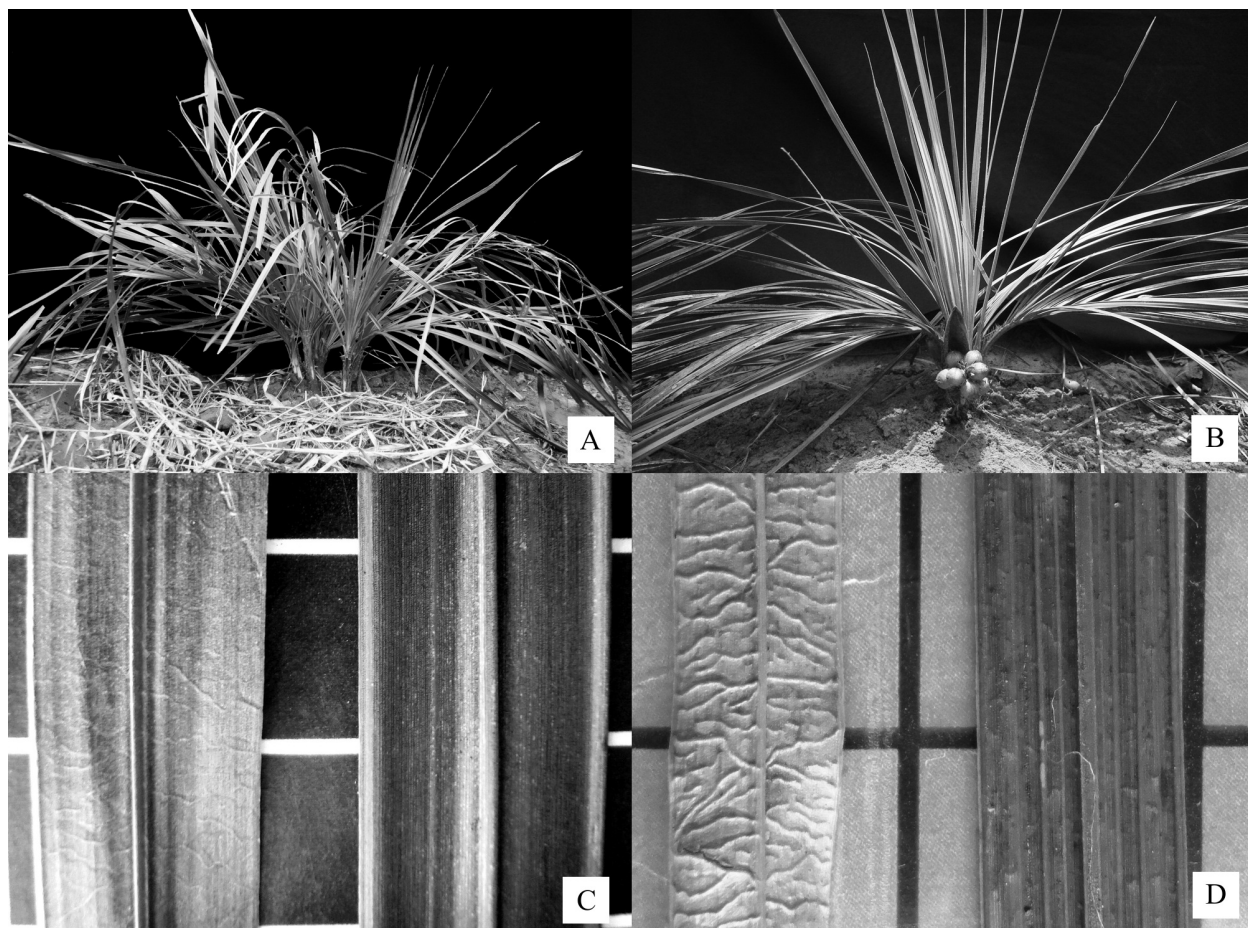


FIGURA 2: A: *Syagrus pompei* K. Soares & R. Pimenta, hábito cespitoso. B: *Syagrus procumbens* Noblick & Lorenzi, hábito. C: detalhe da pina das folhas verdes de *Syagrus pompei* na esquerda e de *Syagrus procumbens* na direita. D: detalhe da pina das folhas desidratadas de *Syagrus pompei* na esquerda e de *Syagrus procumbens* na direita.

FIGURE 2: A: *Syagrus pompei* K. Soares & R. Pimenta, caespitose habit. B: *Syagrus procumbens* Noblick & Lorenzi, habit. C: detail of the green leaflet of *Syagrus pompei* on the left and green leaflet of *Syagrus procumbens* on the right. D: detail of the dried leaflet of *Syagrus pompei* on the left and dried leaflet of *Syagrus procumbens* on the right.

47-67 cm de circunferência, recoberto pelos remanescentes das bainhas espinescentes de folhas secas ou já caídas, ocasionalmente perdendo este revestimento e deixando cicatrizes que se distanciam uma das outras por 0,5-1,5 cm. Folhas dispostas em espiral ao redor do estipe, 12-20 contemporâneas, pouco curvadas; bainhas com margens quase totalmente cobertas por espinhos, com cerca de 85 cm de comprimento total, somente a base das bainhas, 15-24 cm iniciais, possui margens sem espinhos; pseudopecíolo com 64-75 cm de comprimento, inicialmente canaliculado na parte adaxial e arredondado na parte abaxial, armado com espinhos curvados em toda sua margem e revestido por fibras achatadas; espinhos distanciados 1-2 cm um do outro e com até 2 cm de comprimento, lignosos, sendo a extremida-

de destes de apenas fibras decíduas, os maiores espinhos localizados próximos da base das folhas; pecíolo ausente ou com até 2 cm de comprimento; raque com 160-194 cm de comprimento, pouco curvada, contendo 71-90 pinas de cada lado; pinas rígidas, verdes ou verde-amareladas, brilhantes, com ápice assimétrico, distribuídas uniformemente ao longo da raque e dispostas em um único plano, frequentemente com ramento estreito e alongado ao longo da nervura principal na parte abaxial, as da base das folhas opostas, com 50-58 x 1,2-2,0 cm, as da parte mediana da raque opostas ou alternas, com 20-27 x 1,0-1,5 cm. Inflorescência andrógina, interfoliar, envolvida por duas brácteas, a mais interna lenhosa, chamada bráctea peduncular, que protege a inflores-



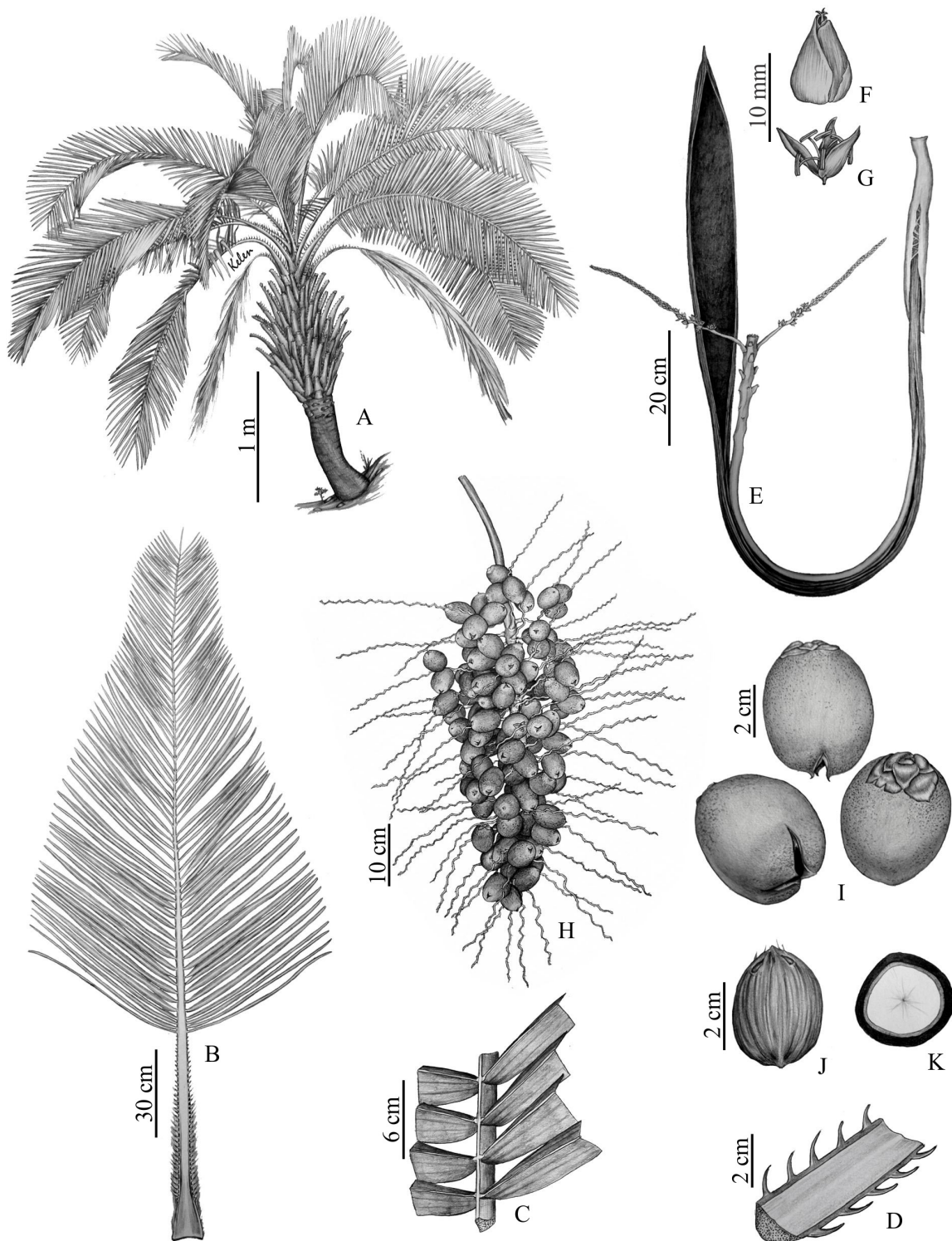


FIGURA 3: *Syagrus santosii* K. Soares & C. A. Guim. A: hábito. B: folha. C: detalhe da inserção das pinas na raque. D: pseudopécio. E: inflorescência. F: flor pistilada. G: flor estaminada. H: infrutescência. I: frutos. J: endocarpo. K: vista interior do endocarpo mostrando o endosperma homogêneo. (de K. Soares et al., 40. Ilustrado por Kelen P. Soares).

FIGURE 3: *Syagrus santosii* K. Soares & C. A. Guim. A: habit. B: leaf. C: detail of the leaflets insertion on the rachis. D: pseudopetiole. E: inflorescence. F: pistillate flower. G: staminate flower. H: infructescence. I: fruits. J: endocarp. K: interior view of the endocarp showing homogeneous endosperm. (from K. Soares et al., 40. Drawn by Kelen P. Soares).

cência até a antese, contendo sulcos longitudinais, recoberta por tomento ferrugíneo, especialmente na extremidade, com 130-156 cm de comprimento total, a parte expandida com 51-70 x 7,0-8,4 cm e um bico de até 3,5 cm; a bráctea externa fibrosa, lanceolada, chamada profilo, com 26-41 x 4,0-5,2 cm, fica sempre escondida entre as bainhas das folhas; pedúnculo coberto por um indumento esparso, de cor acastanhada quando novo, com 85-120 x 1,2-1,3 cm; raque da inflorescência com 38-48 cm de comprimento, inicialmente amarelo-esbranquiçada, recoberta por uma camada de cera ferrugínea, tornando-se glabra e esverdeada no período de formação dos frutos, ramificada ao nível de primeira ordem, contendo 43-62 ráquulas; ráquulas da base da inflorescência com 26-34 cm de comprimento, as da parte mediana com 25-33 cm de comprimento, as da extremidade com 22-24 cm de comprimento. Flores unissexuais, amarelas, situadas na porção inferior das ráquulas em grupo de três, com uma flor central feminina ladeada por duas flores masculinas, a porção terminal (superior) das ráquulas apresenta somente flores masculinas; flores estaminadas com 7-10 mm de comprimento, curto pediceladas na base da ráquila, pedicelo com até 1 mm de comprimento, as da extremidade sésseis, 3 sépalas triangulares, conadas na base, lobo das sépalas com cerca de 1,5 mm de comprimento, pétalas em número de 3, desiguais, valvares, lanceoladas, com pontas agudas, coriáceas, com 6-8 x 1,5-2 mm, estames 6, distintos, dorsifixos, com 5-6 mm de comprimento, anteras com 2,5-4 mm de comprimento, filetes com 3,5-4 mm de comprimento, pistilódio com menos de 1 mm de comprimento; flores pistiladas cônicas, sésseis, com 7-10 x 6-7 mm, contendo 3 sépalas e 3 pétalas, desiguais, imbricadas, com nervações quase indistintas, sépalas com 7-9 x 7-10 mm, pétalas glabras, com 6-9 x 7-9 mm, gineceu com 5-7 x 3-4 mm. Frutos elipsoides ou ovoides, com 2,9-4,6 x 2,6-3,8 cm; epicarpo amarelo ou verde-amarelado coberto por um tomento ferrugíneo quando maduro que frequentemente se fende no ápice expondo o mesocarpo e o endocarpo; mesocarpo fibroso, adocicado, de coloração amarelada; endocarpo ovoide, ósseo, de cor marrom escuro, superfície exterior quase lisa, com 2,7-4,2 x 2,4-3 cm e 2,5-3 mm de espessura, contendo 3 poros de germinação um pouco depressos no endocarpo e uma única semente com endosperma homogêneo. Eófilo das plântulas simples.

Tipo: **Brasil. Bahia:** Itapebi, lateral direita da barragem do Rio Jequitinhonha, 15°58'21" S,

39°35'36" W. 28/VII/2011, fl. fr.; *L. A. Mattos Silva, C. A. Guimarães & J. L. Paixão 5243* (holótipo HUESC 10000, Isótipos CEPEC, ALCB, RB, R).

Parátipo: **Brasil. Bahia:** Itapebi, Represa da UHE do Rio Jequitinhonha, 24L 0434042, 8234246. 28/VIII/2012, fl., fr., *K. P. Soares; L. C. Assis; C. A. Guimarães; J. E. Santos 40* (HDCF 6276).

Até o momento, a única população desta espécie foi localizada nas margens do Rio Jequitinhonha, no município de Itapebi-BA, onde cresce principalmente num curso de 4 km na margem direita do rio, em altitudes que variam de 111 a 119 m acima do nível do mar, em terreno com declividade em torno dos 80%, nas áreas de capoeira e com muitos afloramentos de rochas em solo sílico-argiloso. Grande parte da população foi inundada com a construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Itapebi. Estima-se que hoje existam cerca de 5.000 espécimes no local, sendo uma espécie rara e bastante ameaçada (Figura 4A). Cresce junto com outras Arecaceae como *Allagoptera caudescens* (Mart.) Kuntze, *Attalea burretiana* Bondar e com a naturalizada *Elaeis guineensis* Jacq.

Floresce e frutifica durante todo ano, com maior abundância nos meses de abril a maio e setembro a outubro.

O epíteto específico é uma homenagem ao parabolânico João Eduardo Santos (Figura 4B), de Itapebi-BA, conhecido por "Joãozinho das Orquídeas", um exímio conhecedor de orquídeas e bromélias e que também descobriu esta palmeira.

Comentário: Martius (1826) descreveu no "*Historia Naturalis Palmarum*" a espécie *Cocos schizophylla* Mart., para a região entre Camamu, Salvador e Ilhéus na Bahia, com ilustração do hábito representada na foz do Rio Paraguaçu; segundo o autor, a espécie "cobre densamente as planícies arenosas da região litorânea, bem como nos terrenos litólicos da costa"; nesta obra o autor forneceu uma descrição incompleta do endocarpo, sem mostrar a estrutura interna também nas ilustrações. Barbosa Rodrigues (1891) descreveu uma nova espécie e um novo gênero, *Arikuryroba capanemae* Barb. Rodr., que apresentava semelhanças com a espécie de Martius, exceto pelo fato de possuir frutos (2,7 x 2,3 cm) e endocarpos (2,4 x 1,7 cm) maiores e com endosperma ruminado, já que, nesta mesma obra, o autor fez também uma descrição completa do fruto e do endocarpo de *Cocos schizophylla* baseado em observações pessoais, alegando que o mesmo possuiria endosperma homogêneo, endocarpo (1,6 x 0,8 cm) e frutos menores (2 x 1,5 cm); para ele,



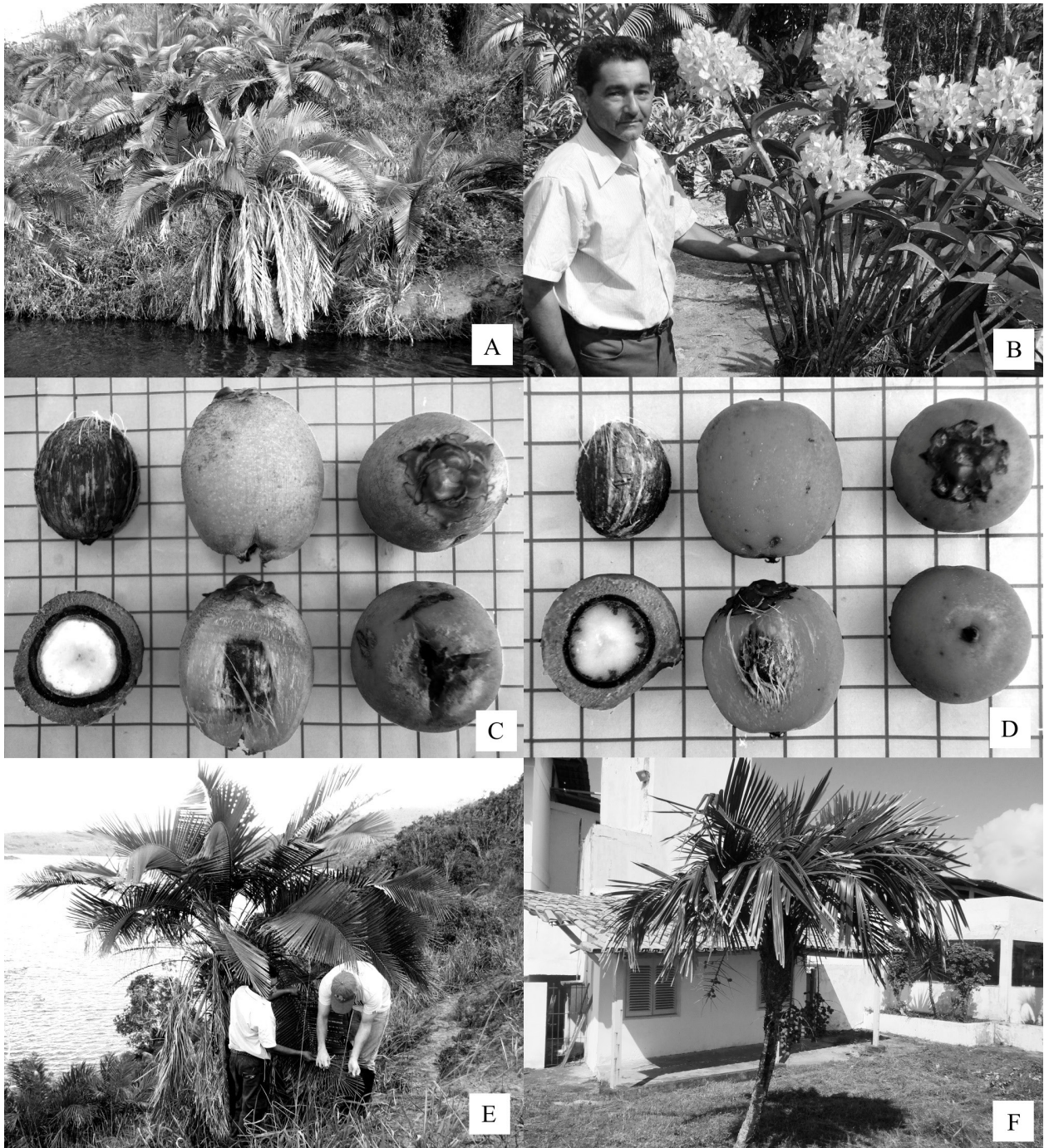


FIGURA 4: A: *Syagrus santosii* K. Soares & C. A. Guim. no habitat. B: João Eduardo Santos, descobridor da espécie. C: endocarpo e fruto de *Syagrus santosii*. D: endocarpo e fruto de *Syagrus schizophylla* (Mart.) Glassman. E: hábito de *Syagrus santosii*. F: hábito de *Syagrus schizophylla*.

FIGURE 4: A: *Syagrus santosii* K. Soares & C. A. Guim. habitat. B: João Eduardo Santos, species discoverer. C: endocarp and fruit of *Syagrus santosii*. D: endocarp and fruit of *Syagrus schizophylla* (Mart.) Glassman. E: *Syagrus santosii* habit. F: *Syagrus schizophylla* habit.

*Cocos schizophylla* ocorreria na região de restinga entre Alcobaça e Belmonte – BA.

Glassman (1968) transferiu várias espécies do gênero *Cocos* e de outros gêneros afins (como *Arikuryroba* e *Arecastrum*) para *Syagrus*, sinonimi-

zando a espécie *Arikuryroba capanemae* à *Syagrus schizophylla*.

Considerando a característica do endocarpo homogêneo, a espécie descrita no presente artigo assemelha-se à *Cocos schizophylla sensu*



Martius, exceto pelo fato de possuir frutos e endocarpo muito maiores que o encontrado em ambos os binômios até então descritos. Além disto, em *Syagrus santosii* o epicarpo e o mesocarpo dos frutos se fendem no ápice em 3 partes quando maduros e são cobertos por um indumento ferrugíneo, medem 2,9-4,6 x 2,6-3,8 cm (2-3,5 x 1,5-2,5 cm em *Syagrus schizophylla* com epicarpo liso e sem indumento), o endocarpo tem 2,7-4,2 x 2,4-3 cm (1,8-2,5 x 1,3-2,2 cm em *Syagrus schizophylla*) (Figura 4C e D), apresenta 43-62 ráquulas na sua inflorescência (14-38 em *Syagrus schizophylla*), flores pistiladas com 7-10 x 6-7 mm (5-8 x 3-6 mm em *Syagrus schizophylla*), suas folhas patentes têm a raque pouco curvada com 71-90 pinas rígidas de cada lado (em *Syagrus schizophylla* a raque é curvada com 18-50 pinas de cada lado, geralmente dobradas ou “quebradas”) (Figura 4E e 4F). Além disso, a espécie só foi encontrada na região de Itapebi na margem do Rio Jequitinhonha, cerca de 75 km do litoral.

#### AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Lucas Coelho de Assis e ao professor Luis Alberto Mattos Silva pela ajuda nas coletas de material botânico; Milton Moreira Silva e Aparecido Donizete Fernandes por ter ajudado a localizar *S. pompeoi*. À professora Leila Teresinha Maraschin pelas diagnoses em latim.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA RODRIGUES, J. **Enumeratio Palmarum Novarum**. Sebastianópolis: Brown & Evaristo, 1875. 43 p.
- BARBOSA RODRIGUES, J. *Palmae Amazonenses Novae*. **Vellozia**, Manaus, v. 1, p. 33-56, 1888.
- BARBOSA RODRIGUES, J. **Plantas Novas Cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1891. v. 1, p. 5-11.
- BARBOSA RODRIGUES, J. **Protesto-appendice ao Enumeratio palmarum novarum**. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, p. 45-46, 1879.
- BARBOSA RODRIGUES, J. **Sertum Palmarum Brasiliensium**. Bruxelas: Imprimerie Typographique Veuve Monnom, 1903. 114 p.
- BECCARI, O. Il genere *Cocos* Linn. E Le palme affini. **l'Agricoltura Coloniale**, Florença, v. 10, n. 2, p. 489-524, 1916.
- BONDAR, G. New palms of Bahia. **Field Museum of Natural History Botanical**, Chicago, v. 22, p. 457-463, 1942.
- BONDAR, G. **Palmeiras do Brasil**. São Paulo: Instituto de Botânica, 1964. 159 p.
- BURRET, M. Die palmengattung *Syagrus* Mart. **Notizblatt Botanischen Gartens**, Berlin-Dahlen, v. 13, p. 677-698, 1937.
- BURRET, M. *Palmae neogae* I, **Notizblatt Botanischen Gartens**, Berlin-Dahlen, v. 2, p. 313-327, 1932.
- BURRET, M. *Palmae Neogae* III. **Feddes Repertorium**, Weinheim, v. 32, p. 102-115, 1933.
- BURRET, M. *Palmae Neogae* XII. **Notizblatt Botanischen Gartens**, Berlin-Dahlen, v. 15, p. 99-108, 1940.
- DRANSFIELD, J. et al. **Genera Palmarum: the evolution and classification of palms**. Londres: Kew Publishing, 2008. 732 p.
- GLASSMAN, S. F. A synopsis of the palm genus *Syagrus* Mart. **Fieldiana: botany**, Illinois, Chicago, v. 32, n. 15, p. 240, 1970.
- GLASSMAN, S. F. New species in the palm genus *Syagrus* Mart. **Fieldiana: botany**, Illinois, Chicago, v. 31, n. 9, p. 235-245, 1967.
- GLASSMAN, S. F. New species in the palm genus *Syagrus* Mart., II. **Fieldiana: botany**, Illinois, Chicago, v. 31, n. 13, p. 285-299, 1968.
- GLASSMAN, S. F. New species of *Syagrus* from the state of Bahia (Brazil), with a revisional study closely related taxa. **Phytologia**, Nova York, v. 39, n. 6, p. 401-423, 1978.
- GLASSMAN, S. F. Nomeclatural changes in the family Palmae. **Rhodora**, New England, v. 65, p. 259-261, 1963.
- HAWKES, A. D., Studies in Brazilian palms: 2. Bondar's species of Brazilian palms. **Arquivos de Botânica do Estado de São Paulo**, São Paulo, v. 2, n. 6, p. 175-178, 1952.
- KARSTEN, H. *Plantae columbianae*. **Linnaea**, Berlin, v. 28, 1856. 247 p.
- MARTIUS, C. F. P. **Historia Naturalis Palmarum**, v. 2. Leipzig: T. O. Weigel, p. 129-130, 1826.
- MARTIUS, C. F. P. **Historia Naturalis Palmarum**, v. 3. Leipzig: T. O. Weigel, p. 290-292, 1838.
- MARTIUS, C. F. P. **Palmarum familia ejusque genera denuo illustrata**. Munich: Typis M. Lindauri, v. 18, p. 18. 1824.
- MARTIUS, C. F. P. *Palmetum Orbignyianum*. In: **Voyage dans l'Amérique Meridionale**, Paris: Veuve Levrault, p. 131-134, 1844.
- MORAES, M. Novelty of the genera *Parajubaea* and *Syagrus* (Palmae) from Interandean Valleys of

- Bolivia. **Novon**, Missouri, v. 6, p. 85-92, 1996.
- NOBLICK, L. R. *Syagrus cearensis*, a twinstemmed new palm from Brazil. **Palms**, Lawrence, Kansas, v. 48, n. 2, p. 70-76, 2004.
- NOBLICK, L. R. *Syagrus evansiana*, a new palm from Minas Gerais, Brazil. **Palms**, Lawrence, Kansas, v. 53, n. 3, p. 113-118, 2009.
- NOBLICK, L. R. *Syagrus* Mart. In: LORENZI, H.; NOBLICK, L. R.; KAHN, F.; FERREIRA, E. (Eds.). *In: Flora Brasileira: Arecaceae (Palmeiras)*. Nova Odessa-SP: Instituto Plantarum, p. 304-360, 2010.
- NOBLICK, L. R. *Syagrus vermicularis*, a fascinating new palm from northern Brazil. **Palms**, Lawrence, Kansas, v. 48, n. 3, p. 109-116, 2004b.
- NOBLICK, L. R.; LORENZI, H. New *Syagrus* species from Brazil. **Palms**, Lawrence, Kansas, v. 54, n. 1, p. 18-42, 2010.
- TOMLINSON, P. **The Structural Biology of Palms**. Oxford: Clarendon Press, 1990. 477 p.
- WENDLAND, H. **Index palmarum, cyclantheorum, pandanearum, cycadearum, quae in hortis europaeis coluntur**. Hannover: Aulica Hahni, 1854. 38 p.
- WESSELS BOER, J. G. **The indigenous palms of Suriname**. Leiden: E. J. Brill, 1965. 172 p.